

Caribe

MISCELLANEAS MENORES

I

Carta de Gustav Wallis dirigida a D. S. Ferreira
Penna sobre o Rio Branco *)

Estimadissimo Senhor.—Em cumprimento d'uma promessa feita a V. S.^a a respeito d'algumas noticias sobre a minha viagem no Rio Branco, devo antes de tudo pedir desculpa por não tel-o feito ha mais tempo. Espero que V. S.^a achará justificavel, allegar como razão d'esta tardança a intenção de deixar primeiro amadurecer mais, com o andar do tempo, tanto a experiencia como as observações feitas na viagem.

NOTA. — As duas cartas, que ahí seguem, ainda fazem parte do espolio litterario do mallogrado D. S. Ferreira Penna; ainda esta vez devemos a posse dos respectivos originaes, bem como a autorisação de aproveitá-los, onde bem nos parecesse, á gentileza do nosso amigo José Verissimo, hoje no Rio do Janeiro.

A primeira carta, tratando de uma exploração do Rio Branco, foi dirigida a F. Penna do Forte de São Joaquim em 23 de Maio de 1863 por Gustav Wallis, botanico de origem allemã, assaz conhecido na litteratura botanica como colleccionador zeloso e intrepido viajante. Se não nos enganamos elle veio, ha meio seculo quasi, ao Sul do Brazil, por motivos e com intenções semelhantes áquellas que levaram o venerando dr. Fritz Müller a immigrar da sua patria então á braços com commoções politicas (durante a celebre éra de 1848) e a estabelecer-se, como simples colono, em Blumenau, na então Provincia de Santa Catharina.

Foram, ao que sei de fonte bôa, collegas e amigos unidos pelo mesmo laço espirital do entusiasmo pelas obras da natureza, como tambem companheiros nas difficuldades e infortunios da vida material. Nunca, porém, vimos biographia d'alguma forma detalhada de Gustav Wallis, faltando-nos portanto informações sobre as circumstancias exteriores da sua vinda as regiões amazonicas, o itinerario e a duração das viagens ahí realisadas.

A segunda carta, em capa sobrescripta (em lapis) com os dizeres: «Festas, Historias (do Diluvio), casamentos, baptisados e enterros dos Indios do Purús (Amazonas). Notas dadas por Manoel Urbano da Encarnação, em 1883, a pedido de D. S. Ferreira Penna» é datada de Canutamá, no Rio Purús, em 24 de Agosto de 1882.

Grande importancia não attribuiremos á estas duas cartas; comtudo não deixam de ser interessantes e dignas de serem conhecidas, apezar de sua redacção defeituosa, aliás perfeitamente explicavel por ser a primeira de um estrangeiro, e a segunda de um lavrador, mais familiar com o manejo do machado e do remo, do que da penna de escrever. Evitamos outros retoques além dos estrictamente necessarios.

A REDACÇÃO.

Era o mez de Dezembro, quando eu parti, o melhor tempo para a subida no Rio Branco, por então ainda ali reinar a vasante, a qual como é conhecido, tem outro periodo e character differentes do Amazonas, do Rio Negro e dos demais confluentes d'este rio real.

Depois de acabada a vasante do Amazonas, o Rio Branco ainda continua 4-5 mezes inteiros a vasar. D'isto comtudo não se conclue que a enchente se realise em circumstancias semelhantes á do Amazonas; ao contrario, ella além de cahir em outro tempo, tem uma duração muito mais limitada. Por emquanto nos vemos o cyclo hydrographico annual completar-se por uma vasante muito mais prolongada. As aguas vassam pela força da attracção das do Rio Negro, que igualmente vão decrescendo no fim de Junho e assim por diante até meados de Março ou por mais tempo ainda. Em meiado de Abril cahem as primeiras chuvas, desde muito então já esperadas e o rio enche a passos rapidos.

Outro character do Rio Branco se revela na grande baixa a que fica reduzido na vasante, e nas praias, que sem conta se acham espalhadas no leito e tantas que as vezes apparece mais arêa do que agua. O decrescimo do rio importa nas partes superiores em 32 palmos, como verifiquei na fazenda do Capitão Bento Ferreira Marques Brazil, junto ao forte São Joaquim. A correnteza no tempo da vasante não excede de uma milha por hora, crescendo proporcionalmente com as aguas até que venha a ter no maximo provavelmente tres milhas por hora. Os repiquetes observam-se mais frequentemente do que em qualquer outro affluente de primeira ou segunda ordem. O curso do rio é ao contrario dos outros tributarios do Amazonas, pouco sujeito a sinuosidades. Longo e direito descortina-se á vista e muitas vezes vae-se perder no horizonte. Pelo facto de formarem-se aparentemente diversos horizontes, segue-se que a largura do rio deve ser um tanto consideravel; ella importa em 200-300 braças. Pelo mappa do rio que tirei desde a bocca até a missão de Porto Alegre (5 dias de viagem acima do forte São Joaquim), V. S.^a encontrará melhores informações tanto a respeito do rumo, como do aspecto exterior em estado de vasante. Direi aqui sómente que o rumo geralmente está comprehendido (seguindo-se rio acima) entre 300° O E e 30° E, e que o maior arco circumscripto importa em 80°; porém isto sómente na embocadura, onde ás aguas n'uma grande e descommunal volta se unem ás do Rio Negro. O rumo para o lado de E nunca excedeo de 70° assim como o de O E

de 220°, deixando portanto a agulha a jogar nos demais 150°.

As beiras são em grande parte baixas e sujeitas a inundações nas grandes enchentes. Não obstante isto é para admirar a escassez de população em toda a extensão do rio e adequadamente fallando, só se encontra na grande altura de São Joaquim e suas immediações, isto é, 150 leguas acima, um nucleo de moradores que consiste em fazendeiros, vaqueiros e soldados com as suas respectivas familias. Algumas pessoas (estas em pequeno numero), vivem do producto das suas roças. Ainda convém dizer e isto causará admiração a V. S.^a que a agua do Rio Branco não é propriamente branca, mas sim de um verde impuro ou antes de côr indefinida, tornando-se a medida que vão crescendo as aguas, mais e mais barrenta igualando-se então quasi com as do Amazonas. Quer me parecer que deram-lhe este nôme pelo facto da agua não ser preta como a do Rio Negro e outros affluentes. Porém é muito para notar, que nenhum dos tributarios dos que eu pude observar, conduz agua preta que tanto ocorre na zona equatorial. Segundo dizem, ha nas cabeceiras um ou mais affluentes pretos. Em geral mostram-se todas de uma pureza admiravel, brancas e cristallinas. Ha tres ou quatro igarapés d'esta natureza no alto Rio Branco que appellidaram com o nome de « Aguas boas » o que de alguma forma não deixa de occasionar confusão.

Ha tão grande fartura no Rio Branco, tanto nas proprias aguas, como nas mattas, no campo e nos lagos, que se deve estranhar com razão o não encontrar lá mais numerosa população do que a actual. Existem e especialmente nas partes inferiores, não poucos pontos os quaes pela altura e uberidade do solo se prestariam optimamente para domicilios humanos e por toda a extensão do rio não ha Indios bravios que possam inquietar habitação ou nucleo qualquer. Qual será portanto a razão que n'um percurso de 150 leguas apenas se encontra 300 habitantes e estes, como já vimos, quasi todos nas immediações do forte de São Joaquim ou a fallar mais acertadamente, acima das cachoeiras? Eu não sei explical-a. A terra é sadia e não assolada por febres ou outras molestias semelhantes, que tanto costumam reinar em toda parte, aonde ha rios. E' devido em grande parte este favoravel estado aos frequentes ventos, que são proprios ao Rio Branco, girando do NE para SO por tanto sempre para baixo e mui raros são os casos em que ha vento no sentido contrario. Por essa razão a navegação para cima não pode ser feita á vela, mas sim sempre e com tanto mais proveito para baixo.

Nos mezes de verão (Setembro até Abril) os ventos sopram com uma vehemencia espantosa e incessante, dia e noite, tanto que nos campos se encontram as arvores pendentes e crescidas com a sua copa para o Sul e mesmo a muitas não é permittido formar bôa copa, senão unilateral. O vento não só purifica o ar, como tambem torna-se um poderoso destruidor de uma multidão de insectos incommodos. Por essa mesma razão faltam por exemplo Carapanás. Piuns e uma pequena especie de Mucuí, que ha no inverno, não chegam a ser praga. A navegação effectua-se, não obstante a grande baixa por todo o anno, tanto para cima como para baixo, tornando-se preciso na vasante um pratico para guiar a embarcação por entre as pedras das cachoeiras, as quaes se acham n'uma altura de 100 leguas. A principal cachoeira é formada por extensas pedras de granito, que atravessam o rio d'uma para a outra margem e não permite senão á montarias o subir sem descarregar. Porém é pequena a distancia, que obriga ao transporte da carga por terra, importando em 50 braças mais ou menos. Seguindo abaixo, não ha este incommodo de desembarque. Toda a navegação no Rio Branco é feita quasi só pelas barcas, que conduzem gado para a capital da provincia ou de certas pessoas, que venham em procura de ovos de tartaruga e de peixe. Generos do matto não ha e forma portanto além do gado a extracção dos ovos e a pesca a unica renda do rio. Parece em verdade que a Providencia na distribuição dos thesouros naturaes tinha contrabalançado as faltas de um ou outro artigo nas diversas partes d'esta provincia abençoada! E' verdade que não ha generos sylvestres, o que é para extranhar certamente, porém—e sem querer fallar de pedras e metaes preciosos, que dizem existirem no curso superior—que riqueza nas proprias aguas! A incrível abundancia das tartarugas, tracajás e dos peixes torna-se um verdadeiro deposito e isso tanto mais, quanto as margens do rio são quasi despovoadas. Subindo em pessoa, tive a melhor prova d'isto. Não acostumado a me demorar nas minhas viagens com a procura de viveres animaes e portanto me prevenindo com carne secca etc. eu vi toda esta provisão no termo da longa viagem não só intacta, mas ainda havia no fundo da canôa tartarugas, restando das muitas, que sempre em passagem apanharam, livremente com as mãos e sem jamais para isso usarem de flecha. Não seria improprio ou mal acertado, embora que á primeira vista pareça, se o governo—uma vez, que não ha moradores no Rio Branco—decidisse a cessação das colheitas de ovos por pessoas vin-

das de fóra. Seria isso talvez incentivo para maior numero de gente ali se estabelecer, ou pelo menos um meio de prevenir a destruição e os grandes estragos, que bastantes vezes e escandalosamente se vão praticando com a desovação. Um paiz com tanta uberdade de certo não precisa recorrer a manteiga de ovos, para illuminar a casa!

Faltando os generos do matto, ou quero antes dizer por ainda não se conhecer os productos de quasi nenhum dos tributarios do Rio Branco, consegue-se, que não haja regatões, que vão ter com os indios, como os vemos no Rio Madeira, Rio Negro e outros. Todos os indios são trabalhadores, sobrios, de bôa indole, accessiveis á civilisação, e não consta existirem ociosos ou antropophagos no grande territorio, que percorre o Rio Branco. As principaes tribus pertencem aos Uapixanas, aos Macusis (Macuxis) e aos Pauixanas. São até hoje só os fazendeiros que chamam os indios ao trabalho e á civilisação, transportando o gado para Manáos. Não desce barca alguma que não leve alguns d'estes indios. A falta de gente (branca) tambem é devido ao não apparecer entre outros generos maior quantidade de Moira-pinima, de pau de rainha, assim como de crystal. As mencionadas madeiras são incontestavelmente as mais preciosas, as mais estimadas, não só para exportação como tambem para o proprio paiz.

Acima do forte São Joaquim não ha morador algum, o rio entretanto tem mais capacidade, tornando-se até navegavel talvez mesmo para barcas a vapor, até a missão Porto Alegre, onde ha cachoeiras. A situação da fortaleza é optimamente escolhida no ponto em que o rio Tacutú se une ao Rio Branco, na margem esquerda do primeiro, por dominar os dois rios n'uma só vista e por estar livre pela parte posterior. A reunião d'estes dois rios apresenta um magnifico aspecto. Ambos parecem de igual largura e mesmo as suas côres não offerecem grande diversidade. O ponto geographico do forte é 3°, 1'46" N. O Tacutú é o maior confluente do Rio Branco e até parece formar uma raiz d'este.

Um objecto mui essencial e de grande importancia não só para o Rio Branco, como tambem para a provincia, é a criação do gado.

E' conhecida, que os bosques naturaes diminuem mais e mais emquanto na subida ha campos que dão optimo pasto á innumerous rebanhos de gado vaccum e cavallar. E' d'esta maneira, que o territorio assemelha-se ás diversas possessões limittrophes, á Guyana hollandeza, britannica e em parte á Guyana hespanhola. Ha, portanto, alguma razão para a expressão

« Guyana brasileira », referindo-se ás partes banhadas pelo Rio Branco e seus tributarios. Em geral temos entretanto tão pouco conhecimento sobre esta parte da possessão brasileira, que igualmente poderia ser chamada « Terra incognita »; expressão favorita, para encher lacunas nos mappas!

Apezar dos grandes e extensos campos, sufficientemente regados por riachos e lagos, pode se dizer, que toda criação de gado ainda jaz na infancia, e pelo que parece, haverá em dias não mui remotos falta de gado na capital, em vista de que o augmento não corresponderá ao desenvolvimento d'esta. Seria bom e opportuno, que o governo lançasse os olhos n'este ponto importantissimo de animar e garantir com os meios apropriados, não só no Rio Branco, como em todo ponto da provincia, idoneo para a criação e d'onde pode ser importado o gado com proveito. Basta dizer, que todo o gado do Rio Branco não excederá á 10.000 cabeças pertencentes em iguaes partes, ás fazendas nacionaes (de São Marcos e São Bento) e á particulares. Ora, compare-se estes algarismos com os da ilha de Marajó, onde um só fazendeiro possui mais e a qual não será mais apropriada para a criação do gado vaccum. Ha dois inconvenientes grandes e irremediaveis na criação do gado. Primeiramente o não permittir o clima da zona equatorial tão favoravel desenvolvimento, como nas provincias do Sul e mesmo de Minas Geraes. E' lamentavel a existencia de muitas onças que annualmente levam um não pequeno numero de rezes, assim como de cavallos.

Caso o governo garantisse um premio por cada onça morta, de certo que pelo menos na fazenda nacional diminuiria-se o numero d'estas mortíferas feras. Ha occasiões de cahirem no espaço d'uma semana até 8 cabeças grandes nas garras de onças.

Tanto mais favoravel nós vemos desenvolver-se o contingente de Diana e sem contestação alguma é a caça do Rio Branco a mais rica, a mais variada, que se possa encontrar em parte alguma. Qual não foi a minha surpresa, em achar aqui tantos veados, porcos, antas, capivaras, mutuns, araras, patos, marrecas etc. Parece em verdade, que estes animaes vão-se propagando a custa do gado, desprezando as onças a preza, que mais arisca lhes foge.

Estes dados, poucos e mesquinhos como são, facilitarão a V. S.^a o formar alguma idéa sobre o Rio Branco, rio em que se segue 20, 30 dias acima até o forte São Joaquim, onde actualmente me achô, occupando-me com a exploração vegetal, a qual eu pretendo estender até Pirará ou a fronteira

da Guyana ingleza. Se forem desejadas mais algumas informações, de bom grado as darei, á medida das minhas forças — logo que terei o gozo de apresentar-me de novo em pessoa á V. S.^a. Sou com especial estima e consideração

De V. S.^a Obr.^{mo} e Att.^o criado

GUSTAVO WALLIS.

Horticultor botânico

Forte São Joaquim, 23 de Maio de 1863.

Ill.^{mo} Sr. Domingos Soares Ferreira Penna — Pará.

II

Coritiba
Carta sobre costumes e crenças dos Indios do Purús,
dirigida a D. S. Ferreira Penna

Por MANOEL URBANO DA ENCARNAÇÃO

Os selvagens fazem muitas festas, porém, ha uma no anno que são obrigados a fazer e onde contam as historias antigas conforme as tribus.

Festa de annos

Depois de todo preparado, tratam de convidar as outras tribus, e reunidos todos começam a tocar os instrumentos. N'isto fazem um silencio e um dos chefes diz que vae contar as historias antigas.

Diluvio

Ha muito tempo houve signaes no sol que ficava escuro. e ao mesmo tempo encarnado. Acontecia o mesmo com a lua. De noite ouviam-se muitos tropeis e batidos pelos paus, grandes estrondos que pareciam ser ora debaixo da terra, ora no